

INFORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA: representação das ações de informação da Casa Pequeno Davi

*Edivânio Duarte de Souza**
*Carlos Xavier de Azevedo Netto***

RESUMO

A informação se configura como um elemento potencializador do desenvolvimento humano. Sob esta ótica, buscou-se analisar as representações produzidas pelos egressos, a partir das ações de informação desenvolvidas pela Casa Pequeno Davi-CPD. Os sujeitos da pesquisa corresponderam aos coordenadores e egressos da CPD entre os anos de 1998 e 2003. A pesquisa foi realizada em duas fases: uma exploratória e outra focalizada. Os dados foram analisados com base na Análise de Conteúdo-AC e aplicação da técnica de Análise da Enunciação-AE. A participação no ciclo de informação significou para os beneficiados uma ligação direta entre uma lacuna de informação e um conjunto de informações disponibilizadas, que se configurou como operador de relações entre os mundos material e simbólico na formação cidadã dos sujeitos.

Palavras-chave

AÇÕES DE INFORMAÇÃO
CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA
REPRESENTAÇÃO DAS AÇÕES DE INFORMAÇÃO

* Mestre em Ciência da Informação – UFPB. Professor do Curso de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas.
E-mail: edivanioduarte@cci.ufal.br

** Doutor em Ciência da Informação - UFRJ. Professor do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal da Paraíba.
E-mail: xaviernetto@ig.com.br

I INTRODUÇÃO

A informação sempre foi um elemento de grande valor para as sociedades, no entanto, nas últimas décadas, ela passou a desempenhar um papel cada vez mais preponderante nas tomadas de decisões econômicas, sociais e/ou políticas. Houve uma inversão de papéis: por muito tempo, a informação foi tida como um elemento ou insumo para a produção de diversos bens ligados essencialmente ao campo da ciência e tecnologia-C&T; hoje ela é considerada como o principal elemento na agregação de valor aos mais variados produtos e serviços nos diversos campos do saber e da produção.

Em meio a esta mudança paradigmática, percebe-se que alguns indivíduos da sociedade vêm se organizando em grupos em torno de instituições que têm como objetivo desenvolver ações que buscam a conquista de direitos de

cidadania e a ampliação da democracia, com base na conquista da liberdade e da participação nas decisões econômicas, políticas e sociais. O surgimento e a consolidação dessas instituições, na maioria das vezes, Organizações Não-Governamentais-ONGs, podem se configurar como um passo qualitativo no desenvolvimento de políticas de informação que contribuam para a formação de cidadãos como atores sociais na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Faz-se necessário, no entanto, destacar que a efetivação dessas políticas e sua eficiência enquanto possibilidade de maior participação dos cidadãos na formação de uma sociedade civil cidadã estão diretamente relacionadas à qualidade dos projetos, às atividades e/ou às ações desenvolvidas por essas organizações, bem como à forma como estas vêm atuando junto aos sujeitos envolvidos nesse processo.

A importância de políticas de informação bem consolidadas, por sua vez, encontra-se nas práticas e ações de informação desenvolvidas pelas ONGs em prol da construção da cidadania, ou seja, na possibilidade de que cada indivíduo participante desse processo se configure como sujeito social capaz de tornar-se cidadão consciente de seus direitos e deveres, a partir das informações recebidas e construídas no ambiente cotidiano. Contudo, dois elementos parecem ser condicionantes para o conhecimento da qualidade de atuação de uma ONG, nesse campo: as práticas e ações de informação desenvolvidas a partir dessas políticas e a interação entre sujeitos sociais na construção de um ambiente interdiscursivo.

Assim, este estudo é resultado da busca de analisar as representações produzidas pelos egressos, a partir das ações de informação desenvolvidas pela Casa Pequeno Davi-CPD, como elementos potencializadores da construção da cidadania.

E, nesse sentido, objetivou-se, especificamente: identificar os veículos de informação utilizados na CPD no processo de transferência de informações; caracterizar os tipos de informações recebidas e processadas no âmbito da Casa; detectar a interação e o impacto da transferência das informações recebidas e processadas pelos sujeitos sociais; e evidenciar o tipo de representação construída pelos sujeitos sociais a partir do processamento das informações adquiridas.

Para tanto, foi desenvolvido inicialmente um estudo teórico-discursivo que teve como objetivo fundamentar as discussões aqui empreendidas, bem como dar maior sustentação aos resultados da pesquisa.

2 PRÁTICAS E AÇÕES DE INFORMAÇÃO: ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

A primeira noção que se tem neste trabalho é que a informação corresponde a uma prática social que envolve ações de atribuições e transferência de sentido que, por sua vez, podem promover transformação nas estruturas cognitivo-sociais, mediante o desenvolvimento de novas estruturas de conhecimento.

Esse entendimento está fundamentado em González de Gómez (1999) para quem os conceitos de informação enquanto operador de relação e de espaços de informação se configuram como

ambiente propício para a integração e organização das informações relevantes para os atores sociais envolvidos nesse processo. Faz-se necessário, no entanto, destacar que:

Os espaços de informação antes de designar espaços físicos, remetem a esferas relacionais e simbólicas de sociabilidade, de comunicação e de saber. A construção e aceitação de evidências de informação requerem, porém, que toda informação possa justificar os elos com seus universos de referências. [Dessa forma], sua confiabilidade e a aceitação dos sujeitos que as geram, usam e transformam, dependem da transparência desse movimento (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 1999, p. 21-22).

Assim, a informação deve ser colocada no contexto das práticas sociais, já que é através da interação informacional que os sujeitos se comunicam e tomam conhecimento de seus direitos e deveres e, a partir desse momento, tomam decisões sobre suas vidas, seja de forma individual ou coletiva. Ao participarem de processos discursivos, no quadro de relações sociais, os sujeitos envolvidos participam das práticas de informação, que envolvem todo o processo de geração, acesso, transferência e uso (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 1990, 1999). A informação assume uma função de capital importância, no âmbito dos movimentos sociais, por promover a inter-relação dos vários elementos, sejam eles culturais, econômicos, políticos ou sociais, possibilitando a formação de novos estágios de mudanças.

É sob esta ótica que se compreende a mediação das práticas de informação dentro das estruturas sociais, institucionalizadas ou não, que estão cristalizadas no âmbito das ONGs, enquanto processo de construção da cidadania. E, nessa perspectiva, a essência do conceito de cidadania se encontra no processo de aprendizagem social, já que:

A capacidade de gerar processos dinâmicos de aprendizagem social, em nível de uma organização, da comunidade, ou de instituições sociais básicas, é o elemento mais crítico das sociedades do conhecimento. Os dois processos complementares de apropriação do conhecimento, por um lado, e de aprendizagem social por outro, levam a uma concepção dinâmica das relações que se dão entre o conhecimento, o sujeito que conhece, e o contexto sobre o qual o

sujeito atua com base nesse conhecimento (CHAPARRO, 2001, p. 22, tradução nossa).

Assim, pode-se dizer que a relação entre informação/conhecimento e sociedade se dá num contexto dinâmico, onde existe a capacidade de transformação tanto do sujeito social, quanto da estrutura social, decorrente do poder de ação desse sujeito. E, nesse sentido, pode-se dizer também que historicamente a sociedade vem buscando a construção de ambientes mais democráticos, num processo de avanços e recuos, como bem destacou César (2002).

Acrescenta-se ainda que o exercício cotidiano de práticas informacionais nos movimentos sociais, mais especificamente nas ONGs, promove o acúmulo de experiências, onde tem importância a vivência no passado como referência para a vivência do presente e a construção do futuro. Essas práticas são insumos para as ações de informação promovidas pelas ONGs, que, por sua vez, apresentam-se como elementos a partir dos quais os sujeitos sociais constroem representações norteadoras de suas posturas e tomadas de decisões.

A cidadania, nesse contexto, se apresenta como

[...] o processo histórico de conquistas populares, através das quais a sociedade adquire progressivamente condições de tornar-se sujeito histórico consciente e organizado, com capacidade de conceber e efetivar um projeto próprio de desenvolvimento social (DEMO, 1992, p. 17).

Nessa mesma perspectiva, Gohn (1999) frisa que a consciência gerada no processo de participação dos indivíduos num movimento social acarreta o (re)conhecimento das condições de exercício da cidadania de parcelas da população, no presente e no passado. Tal conhecimento leva à identificação de uma dimensão importante no cotidiano das pessoas, a do ambiente construído, a do espaço gerado e apropriado pelas classes sociais na luta cotidiana. Assim, trata-se de entender a representação construída pelos sujeitos sociais beneficiados, a partir das práticas e ações de informação promovidas por essa instituição, considerando o ambiente em que essas pessoas se encontram inseridas. É, sob essa ótica que:

podemos dizer que a dimensão espaço-tempo resgata elementos da consciência fragmentada das classes populares,

ajudando sua articulação, no sentido gramsciano da construção de pontos de resistência à hegemonia dominante; construindo lentamente a contra hegemonia popular (GOHN, 1999, p. 21).

O efeito das práticas de informação vistas como práticas sociais sobre o ambiente no qual os atores sociais se encontram inseridos é diverso. Elas permitem a organização da população, geram consciência coletiva e ampliam os espaços de cidadania e de estabelecimentos de práticas que apontam novos horizontes e caminhos.

A objetivação dessa subjetividade, segundo Baptista (1997), dá-se em qualquer espaço – de religiosidade, no trabalho, na terapia, na arte, em movimentos sociais, na sistematização do saber a partir de onde possa refletir sobre os seus desejos de faculdades concretas e onde se possa espelhar, abrindo e/ou fechando os caminhos da vida. O autor acrescenta ainda que

este tipo de espaço está no cotidiano, e entre o pensar e o viver, o homem pode tornar-se protagonista da sua história; é preciso juntar fragmentos, dar sentido ao residual, descobrir o que contém como possibilidade não realizada (BAPTISTA, 1997, p. 35).

Isso é o que se denomina, no campo da CI, de atribuição de sentidos a partir da agregação de valor à informação.

Não se pode, no entanto, esquecer que a construção social da informação corresponde a um processo complexo de compreensão e atribuição de sentido, que vai muito além dos limites fixados pela abordagem tecnicista e restrita que a vê como sistematização linear de dados. A construção de informação aqui é entendida como um processo contínuo de atribuição de sentido às estruturas de informação, independente de sua vinculação a algum tipo de suporte ou técnica específica.

3 REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A importância do estudo da representação no campo da informação se deve, sobretudo, ao fato da impossibilidade de o sujeito apreender em sua totalidade o conjunto de informações disponíveis que o rodeiam no seu cotidiano, especialmente com a atual emergente sociedade em rede. A construção de representações contribui de forma preponderante para que o homem possa apreender de forma

sintética a realidade em que se encontra inserido, a partir da construção de modelos mentais numa interseção entre o cognitivo e o social.

Representar objetos e conceitos na mente, manipular estas representações antes de agir na realidade de acordo com os resultados da manipulação mental prévia e socializar estas experiências, sob a forma de representações orais ou escritas, para outros membros da espécie, é uma das mais fundamentais características do gênero humano. Constitui o que chamamos de cultura, uma segunda natureza humana, intersubjetiva, capaz de transcender os limites individuais de espaço e tempo (MARCONDES, 2001, p. 61).

A representação se configura como um componente de um complexo processo cognitivo, no qual o sujeito em contato com uma realidade constrói um modelo mental a partir do qual pode posteriormente tecer relações, fazer inferências e simular fenômenos, pautado nesse modelo mental e na realidade social que está vivenciando neste momento.

Reafirmando esta idéia, Dodebei (2002, p.19) destaca que:

Os modelos derivam da necessidade humana de entender a realidade, aparentemente complexa e são, portanto, representações simplificadas e inteligíveis do mundo, permitindo vislumbrar as características essenciais de um domínio ou campo de estudo. Essa simplificação exige criatividade, tanto sensorial quanto intelectual, o que implica admitir-se que, na construção de modelos, algumas características da realidade, que não se referem diretamente aos objetos buscados, são desprezadas ou abandonadas, em função da maior inteligibilidade ou facilidade de compreensão.

Pode-se estender essa acepção para os estudos de representações, uma vez que o sujeito pode criar uma representação bastante diferente do objeto a que se refere. E, nesse sentido, o tipo de representação de informação construída a partir de práticas e ações de informações desenvolvidas por um determinado sistema é decorrente sobremaneira da forma como estas são recebidas pelo sujeito, em detrimento do direcionamento que o sistema intenciona.

Ainda de acordo com Dodebei (2002), os modelos se apresentam de forma simples, sendo acurados, estruturados e sugestivos, configurando-

se como analogias do mundo material, podendo, dessa forma, ser reaplicados a novos conjuntos de observação e percepção, tidos como elo entre os níveis da observação e da teoria.

Na abordagem social da informação, o conceito de representação se destaca já que esta deve ser entendida

[...] como uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, que se diferencia das outras formas de conhecimento, intelectual ou sensorial, por implicar uma relação específica entre o sujeito e o objeto de conhecimento: o sujeito se auto-representa, na representação que faz do objeto, ou seja, o sujeito imprime sua identidade naquilo que representa (ANDRADE, 1999, p. 73).

Além disso, Andrade (1999) destaca que esta relação específica existente entre o sujeito e o objeto é decorrente do fato de o homem e sua identidade individual se apresentarem como um todo orgânico, inseparável do contexto social em que se encontra inserido; sendo, portanto, tanto o homem quanto a sociedade resultado de um mesmo processo histórico e dialético. É dessa forma que o indivíduo enquanto ator social constrói sua identidade ao mesmo tempo em que contribui para a construção do tecido social como um todo, seja de forma simbólica ou material.

A representação tem aqui a função primordial de transformar um objeto externo à consciência em algo consciente, se configurando como um elo direto entre a consciência (simbólico) e a realidade (material). Essa função de intermediação apresenta, como um processo de reinterpretação, que desenvolve o que Dodebei (2002) designou de um fenômeno redutor de significado. Para a autora, toda e qualquer intermediação significa em si um fenômeno redutor de significado. Assim,

qualquer meio que se interpusesse entre emissor e receptor já representaria uma alteração na fonte, como é o caso da linguagem. A escrita acrescenta mais um nível de redução em relação à mesma fonte e, portanto, toda proposta de representação de linguagens de representação reduz a informação na fonte (DODEBEY, 2002, p. 33).

Além disso, acrescenta que a linguagem não se apresenta como a expressão do pensamento pré-existente, mas se constitui no próprio pensamento e, da mesma forma, a escrita é resultado da atividade criadora e consciente do sujeito.

Dessa forma, podemos perceber a importância das ações de informação no processo de construção da cidadania, já que a representação dessas ações se configura como a soma de um conjunto (des)ordenado de insumos que fundamentam o processo de tomada de decisão do sujeito nas suas construções individuais e coletivas. As ações de informação têm o valor enquanto prática e/ou instrumento de operacionalização, mas, sobretudo, como referencial para novas ações desenvolvidas cotidianamente.

4 DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS

O objeto de estudo se apresentou com características marcadamente qualitativas, uma vez que se preocupou com a compreensão e com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que deve ser apreendido no processo investigativo. Ademais, esta pesquisa se configurou como um estudo de caso, por ter sido direcionada a uma única Instituição. Assim, teve como objetivo explorar situação da vida real, com o intuito de explicar algumas variáveis causais de um determinado fenômeno, como destacou Gil (1999). Para tanto, esta foi desenvolvida a partir de duas fases: uma exploratória e outra focalizada. Foram selecionadas duas amostras intencionais ou tipificadas: na primeira fase os sujeitos da pesquisa foram 3 (três) coordenadores da CPD e na segunda fase, 25 (vinte e cinco) egressos com idade entre 17 (dezessete) e 23 (vinte e três) anos. Os instrumentos de coletas de dados utilizados foram respectivamente entrevistas e questionários. Além disso, foi feita uma pesquisa documental para analisar as fontes de informação disponibilizadas pela Casa.

No processo de análise e discussão dos resultados foi utilizada a Análise de Conteúdo-AC, com aplicação da Análise da Enunciação-AE na análise dos dados obtidos através de entrevista, tendo em vista que a AC trata-se de

um conjunto de técnicas e análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepções (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1970, p. 42).

Vale destacar ainda que as falas dos entrevistados foram transcritas, considerando todo

o processo de interlocução, inclusive as interrupções, risos e repetições, para dar maior compreensão no processo de análise e discussão dos dados. Ademais, a identidade dos egressos foi preservada, sendo identificados pela palavra EGRESSO, seguida do número de ordem da entrevista, sexo e idade, e ano de realização da entrevista. – por exemplo, (EGRESSO 1, M-19 anos, 2003).

5 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO DA PESQUISA

Localizada na cidade de João Pessoa – Paraíba, e fundada em 1985 pelos religiosos da Comunidade de São Vicente, a CPD é uma instituição sem fins lucrativos, que funcionou inicialmente como Casa-Abrigo, com o objetivo de assistir a crianças e a adolescentes abandonados na rua, visando integrá-los às suas famílias ou a outras pessoas que pudessem se responsabilizar por eles, desenvolvendo o papel familiar.

Em meados da década de 1990, a administração vicentina foi substituída por um grupo da Pastoral do Menor, que definiu um novo caráter à Casa, que permanece até a atualidade. A Casa buscou sempre se adequar às necessidades da comunidade do Baixo Roger e das suas circunvizinhanças. Assim, desde a sua fundação até o ano de 1998, a CPD atuou em duas frentes:

· *Centro de Apoio do Terminal Rodoviário:* atendia aos menores e adolescentes que frequentavam diariamente a Estação Rodoviária de João Pessoa e suas adjacências;

· *Sede do Projeto:* situada no Baixo Róger, atende a crianças e adolescentes, oferecendo uma formação integral através de oficinas profissionalizantes e atividades pedagógicas.

Como resultado de uma necessidade da própria sociedade e da ampliação da atuação da CPD, além desses dois espaços, no ano de 1998, foi criado um terceiro denominado Casa Menina Mulher-CMM, que tem como objetivo desenvolver atividades relacionadas à prevenção e ao combate à prostituição de meninas e adolescentes em situação de risco ou já prostituídas.

No ano de 2001, em decorrência da proibição da entrada e permanência de crianças e adolescentes que utilizavam diariamente o Terminal Rodoviário de João Pessoa para desenvolver atividades e até mesmo “residir”, as atividades desenvolvidas no Centro de Apoio, situado neste local, foram transferidas para a CMM.

Assim, os últimos cinco anos da CPD se configuraram como um avanço qualitativo,

principalmente por sua preocupação com a situação atual dos beneficiados, redirecionando seus objetivos e, conseqüentemente, suas atividades promovidas. A CPD foi alargando a cada ano sua esfera de atuação através do planejamento e implementação de projetos cada vez mais consolidados.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com o intuito de facilitar a análise e a compreensão dos dados, esta foi dividida em dois momentos de acordo com as fases da pesquisa: exploratória e focalizada. Os resultados da primeira fase se apresentaram como uma descrição das ações de informação da CPD, ao passo que os decorrentes da segunda fase buscaram a compreensão das representações de informações dessas ações, pelos egressos.

6.1 Ações de informação da CPD

Pode-se dizer inicialmente que a CPD se apresenta como um ambiente bastante estruturado, já que os três Coordenadores (2003) apresentaram um discurso uniforme quando destacaram que a Organização tem por missão “contribuir para a promoção e defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes, em situação de risco social, através da ação de educação integral e de intervenção nos espaços políticos da Paraíba”.

Para Gohn (2000), ambientes com estas características representam *locus* para a origem e o desenvolvimento cotidiano de redes de produção de sentidos, que balizam as articulações entre os sujeitos envolvidos.

As temáticas abordadas e a metodologia utilizada são bastante propícias à abordagem que a CPD procura dar à formação dos sujeitos beneficiados. Segundo o Coordenador Ludo-Pedagógico (2003), existem três temáticas centrais - violência intrafamiliar, educação e trabalho infantil - que fazem parte do próprio projeto da ONG e as transversais, que são originárias tanto do ambiente interno, quanto de consultas feitas à comunidade do Bairro.

Essa preocupação da Casa se coaduna com o conceito de informação enquanto operador relacional, ou seja, a informação como estrutura potencial de conhecimento, para se efetivar enquanto tal deve ter uma estreita relação com a vivência e o perfil do sujeito usuário dessa informação. Para Gonzáles de Gómez (1999), a construção e aceitação de evidências de informação

ou informação em potencial, como designa Braga (1995), têm como condição o elo direto com seus universos de referências. A construção de espaço cidadão e do sujeito social perpassa necessariamente pela construção de representações simbólicas, que representam uma ponte direta com a realidade vivenciada. A informação, nesse sentido, funciona como elo e insumo de aproximação entre essas duas realidades.

Quando se questionou sobre as fontes e os veículos de informações utilizados, obteve-se as seguintes respostas:

A CPD utiliza cotidianamente de murais em diversas localidades estratégicas, para passar as informações, que sejam relacionadas aos temas trabalhados ou informações gerais. Temos um jornalzinho que é elaborado pela CPD que tem como objetivo atingir principalmente um público específico (parceiros, financiadores e voluntários), mas também circulam dentro da Casa. Utilizamos também outros meios de comunicação (jornal, tv e rádio) para divulgação de atividades abertas ao público em geral tais como: a Semana Cultural e a feijoada beneficente (COORDENADOR GERAL, 2003).

O que se pode depreender disso é que os veículos de informações utilizados pela ONG têm mais a função de divulgação das ações e atividades da Organização do que propriamente de se configurar como espaço de informação para a formação do sujeito-cidadão.

No que se refere ao acesso às fontes de informações, além da Biblioteca da CPD, o Coordenador Geral (2003) esclarece que “para ampliar o processo de desenvolvimento dos participantes é sempre criada oportunidade externa como: visita a teatro, feiras culturais, exposições artísticas e conselhos tutelares”.

Na pesquisa documental, verificou-se também que grande parte das fontes e veículos de informação produzidos e utilizados pela CPD são de caráter administrativo, tendo como objetivo principal fornecer dados aos funcionários no desenvolvimento de suas atividades diárias e informações aos fomentadores dos projetos. São na verdade, relatórios, formulários e fichas cadastrais dos beneficiados. A Casa mantém, no entanto, alguns murais nos quais expõe folders de campanhas de várias instituições nacionais e internacionais que, de alguma forma, podem

contribuir para a (in)formação das pessoas que freqüentam o ambiente. Decorrente do próprio formato, essas fontes de informações não disponibilizam conteúdos mais completos ou específicos; na maioria das vezes, se referem a folders e banners de outras instituições como UNICEF, trazendo informações não trabalhadas como artigos de leis, a exemplo do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA.

As temáticas abordadas nos veículos de informação estão adequadas do ponto de vista do conteúdo, uma vez que trabalham assuntos diretamente relacionados aos direitos das crianças e adolescentes. Faz-se necessário, no entanto, um maior cuidado e adequação das estruturas semântica e sintática.

6.2 Representação das ações de informação

A representação das ações de informação da CPD é vista como um conjunto simbólico de significações que sedimentam a vida (profissional, pessoal e familiar) dos egressos, construídas a partir de vários componentes que, com finalidade de análise, foram distribuídos em quatro grandes unidades:

- **egresso: usuário das ações de informação**

De acordo com os dados obtidos, tanto na pesquisa exploratória quanto na pesquisa focalizada, os sujeitos beneficiados pela ONG CPD correspondem a crianças e adolescentes em situação de risco social. No entanto, os sujeitos da pesquisa focalizados corresponderam a jovens, com faixa etária entre 17 (dezessete) e 23 (vinte e três) anos e grau de estudo entre 3ª série do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio. A maioria dos entrevistados não trabalha; os que estão trabalhando destacam que existe uma relação com a sua participação na CPD, ainda que de forma indireta.

Apesar de nem todos os entrevistados residirem atualmente no Baixo Roger, todos eles continuam morando em Bairros periféricos da grande João Pessoa, como Porto do Capim e Rangel. Na visão dos próprios entrevistados, devido às condições de vida e à localidade onde viviam, eram muitas vezes tidos como meninos de rua ou marginais: "antes eu posso dizer que eu era visto como um marginal, hoje não, graças a Deus/ hoje não, até que enfim a sociedade não pensa mais isso de mim" (EGRESSO 1 - M 19 anos, 2003).

O primeiro ponto que o entrevistado destaca, ou seja, "tornar-se mais digno de mim mesmo", corresponde à construção de uma identidade a partir de uma consciência individual. Esse ensimesmar-se corresponde ao que Touraine (1998) denominou de estado de individuação. Segundo essa compreensão, o indivíduo se faz sujeito de sua história no momento em que ele se afasta dos preconceitos e vícios do mercado e da comunidade das massas, construindo um referencial de vida pessoal e autônomo.

No que se refere ao interesse pelas atividades desenvolvidas, os egressos são categóricos ao afirmar a relevância e a diversidade de cursos e atividades disponíveis para os beneficiados:

Porque tem muita opinião lá né, muita coisa pra gente aprender (+) corte e costura, arte, tem esporte lá, tem marcenaria, a serigrafia, um bucado de opção lá pra escolher/ o cara aprender e desenvolver qualquer coisa lá (EGRESSO 7-M 19 anos, 2003).

É nessa perspectiva que o sujeito enquanto participante ativo de uma realidade social a apreende não como realidade dada ou já definida pela ordem vigente, mas como uma realidade que pode ser (re)interpretada ou (re)construída a qualquer instante.

Mais que um simples acesso a um ambiente destinado ao auxílio à criança e ao adolescente em situação de risco, o acesso às ações de informação da CPD representou o que Manzini-Covre (1999) denominou de desenvolvimento da capacidade de busca e construção da subjetividade, ou seja, o acesso ao ambiente interdiscursivo da ONG promoveu o despertar da identidade do sujeito, pautado num conjunto complexo de pensamento, conhecimento e ação, onde se dá a intersecção com outra subjetividade (intersubjetividade), proporcionando o pensar e o agir coletivo.

- **Ciclo de Informação da CPD**

A CPD desenvolve todo o processo do ciclo de informação, desde a consulta à clientela ao uso efetivo das informações, sendo que alguns entrevistados afirmaram não participar do planejamento, da construção e da comunicação da informação na CPD. O que se pode perceber, no entanto, na fala de alguns deles é que, às vezes, não existe uma participação direta nos níveis de produção e transferência. Por outro lado, a própria dinâmica das atividades promove um constante

movimento no ciclo de informação, como destacou o Egresso 15-M 17 anos (2003), quando questionado sobre a participação nesse processo:

Particpei/ lá tinha um grupo de (+ +) tô esquecido/ era toda quinta feira/ era (+ +) grupo de formação/ aí a gente sempre trocava idéia sabe”Trocava idéia, conversava e tal, sempre trazia toda quinta feira um assunto diferente/ um/ por exemplo, numa quinta feira a gente tratava sempre da questão da violência, depois do/ na outra quinta trabalho infantil e assim ia sempre/ sabe” Aí a gente trocava idéia/ eu com o professor, o professor com o resto dos alunos, a gente ia conversando, conversando e trocando idéia.

Pode-se depreender que não há uma sistemática na produção de veículos de informação próprios, como jornais, cartilhas, vídeos, entre outros, o que leva muitas vezes a insatisfação aos usuários do sistema.

Essa prática discursiva a que o entrevistado se refere pode se apresentar como um grau de relevância muito superior à, por exemplo, produção individual ou em equipe pequena de informações para serem veiculadas em um jornal ou cartilha. A construção de informação num ambiente discursivo corresponde principalmente à construção de uma rede de relações significantes, moldada pela forma de vida dos sujeitos diretamente envolvidos.

● Fontes e Veículos de Informação da CPD

No que se refere ao acesso aos veículos de informação, a própria coordenação da CPD reconhece que existem algumas lacunas que precisam ser preenchidas, fazendo-se necessária uma maior sistematização no planejamento e na produção desses instrumentos de transferência de informação, implicando em diversidade e qualidade. Apesar de não defender a supervalorização do formato em detrimento do conteúdo, faz-se necessário destacar a importância desses instrumentos no ciclo de informação, uma vez que a existência de eficientes fontes e veículos de informação é condição essencial para o bom desenvolvimento do fenômeno informacional, especificamente, a dinamicidade no acesso à informação. Nesse mesmo sentido, os egressos destacaram a importância desse acesso a eles:

“Rapaz”/ vídeos, tal, Biblioteca, sempre tinha assim/ fazia um calendárinho assim (+) assim, dia de ensaio, dia de

formação, pra debater sobre saúde, ensaio etc/ vídeo sempre/ foi assim (EGRESSO 3-M 18 anos, 2003).

Em relação às fontes de informação, os egressos destacam que o seu acesso, na maioria das vezes, se restringiu à Biblioteca da CPD, como frisa bem o Egresso 9-M 18 anos (2003): “usei (+ +) só a Biblioteca e televisão (+) somente. Só estudar mesmo lá/ Biblioteca/ só estudar (+) negócio da escola/ ia pra lá, pegava o livro e ficava estudando”.

Apesar da existência de uma quantidade pequena de fontes de informação, os egressos destacam a importância da Biblioteca tanto para os beneficiados diretos pelas atividades da Organização quanto pela comunidade como um todo:

a gente sempre tinha informações né” (+) sempre foi aberta para a gente pra comunidade também/ a gente podia ter acesso/ não podia ter acesso à Internet, mas a gente tinha aula de informática / (+) e tudo que tava ao alcance deles, eles sempre deixavam a gente acessar alguma coisa (EGRESSO 10-F 17 anos, 2003).

A Biblioteca da CPD, apesar de suas lacunas - como toda biblioteca brasileira - muito mais que uma biblioteca escolar, vem desempenhando seu papel social junto à comunidade beneficiada, buscando democratizar a informação. Para tanto, esta questão perpassa pelos estudos tanto da Ciência da Informação quanto da Biblioteconomia, já que, de acordo com Marteleto (2002), informação é atribuição de sentido, mas também é organização, o que implica que ela tem permanência espaço-temporal, gera memória, necessita de meio, pedagogia, política, no sentido da escolha entre fontes, suportes, significados possíveis.

● Informação Potencial

Pode-se dizer que as informações, enquanto estruturas significantes, disponibilizadas no âmbito da CPD só se efetivaram no momento da interação como as reais necessidades de informação dos egressos. Nas palavras desses, percebe-se que as informações processadas na CPD têm sempre uma ligação direta com o seu universo informacional e com a sua vida cotidiana. Como exemplo, destaca-se as palavras do Egresso 24-M 21 anos (2003):

É bom informar a as crianças/ lá nós tínhamos aula (+) sobre essas coisas, sobre a sexualidade, essas coisas, porque nós sabemos que o mundo é assim (+ +) e é muito bom a pessoa ter informações boas, porque quanto mais a gente se informa, melhor pra nosso país/ pra gente.

Considerando os aspectos lingüísticos e entonacionais aos quais Marcushi (1999) se refere, fica em relevo a visão do Egresso 24-M 21 anos (2003), a relação entre as informações transferidas no ambiente da CPD e situações problemáticas, nas áreas da sexualidade, drogas e violência. Assim, o egresso comenta a importância do acesso à informação na CPD e, numa frase intercalada (marcada por uma ruptura de enunciado), destaca a relação com a realidade. É nesse sentido que González de Gómez (2002) propõe um olhar sobre a informação enquanto operador de relação, que deve agir sobre distâncias entre o conhecimento e o objeto conhecido, sob a ótica cognitiva; e sobre distâncias espaço-temporais, sob o ponto de vista mediacional.

De acordo com os egressos, a CPD, no desenvolvimento de suas ações de informação, tem se preocupado com essa dupla contextualização. Isso torna bastante visível nas palavras do Egresso 10-F 17 anos (2003) que, comentando sobre a importância e adequação das informações acessadas, destaca:

Com certeza né, sempre tinha tinha é:: a oficina de de de (+) formação e a gente sempre (+) é:: recebia muita informações sobre educação sexual, sobre violência, é sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, tudo/ (+) o melhor possível que ele pode puderam informar pra gente recebendo informação e eu acho que isso foi ótimo pra gente/ a melhor parte que eu acho que tem lá/ eu acho que é a formação porque a gente sempre fica sabendo de coisas mais né"/ saber o que tá passando hoje em dia/ tudo/ tudo que tiver passando hoje em dia/ tudo que for/ é (+) tudo que for da da (+) do agora a gente tá sempre sabendo/ sabendo do agora e o futuro também, é eles procuravam sempre guiar a gente a gente para o melhor caminho.

Nas palavras do entrevistado, fica claro que a Casa abordou temas considerando a vivência dos egressos no contexto social em que eles se encontram inseridos e procurou interligar a uma estrutura de informação mais ou menos desenvolvidas em outros espaços como na família e na escola. As ações de informação, nesse aspecto, estiveram direcionadas a resolver ou esclarecer situações consideradas problemáticas ou ainda acrescentar novas informações, redefinindo o que Barreto (2002) denominou de estoque mental de saber acumulado.

No que concerne à construção da cidadania, essa tomada de consciência torna o sujeito ativo e definidor de suas relações sociais, temporais e espaciais, ou seja, o sujeito passa a definir sua história. Para Manzinini-Covre (1999, p. 65)

é a identidade do indivíduo [leia sujeito] que vem à tona e, ao mesmo tempo, é pensamento e ação para lidar com o mundo, para organizá-lo melhor na direção do que parece ser o sonho recôndito dos homens – busca de formas possíveis de justiça e igualdade, liberdade e ao mesmo tempo de individualidade, embora impliquem uma relação complexa, difícil de resolver.

● Abordagem adotada nas Ações de Informação

A CPD buscou, nas palavras dos egressos, através de uma abordagem centrada no usuário, constituir-se em um espaço interdiscursivo, marcado pelas práticas de ações de informação vinculadas diretamente à realidade local. As informações não eram trabalhadas dentro dessas ações de forma descontextualizada, já que a metodologia adotada criou um ambiente propício ao que Ferreira (1994) denominou de *fluir do sentido e da percepção*, que resulta na atribuição de um sentido, a partir de uma série de procedimentos lógicos.

Esses procedimentos lógicos aos quais Ferreira (1994) se refere estão inseridos nas ações de informação desenvolvidas pela CPD, como forma de melhor adequação dos conteúdos aos sujeitos, como comenta o Egresso 7-M 19 anos (2003):

Era era era bom/ primeiro tinha a apostila, a pessoa/ o professor dava aula/ ninguém mexia lá na máquina não, aí tinha tinha um mês que todo mundo estudava na apostila/ tudo, procedimento como é (+), aí porque quando passou um mês a pessoa foi conhecer lá levou, indicou como é que faz/ que pega na na peça, como trabalha com a máquina, aí foi daí a que foi seguindo/ começamos fazer a peça/ primeiro (+) minha peça que fiz foi um cofre, depois de um cofre aí aí fez um desenho um desenho de um pato, aí peguei e fiz, depois peguei o negócio, tudinho, o material, aí aprendi.

A importância dessa metodologia adotada nas ações de informação, onde os educadores procuram promover a interação entre teoria e prática, fundamentando a prática na teoria e exemplificando a teoria com a prática, do ponto de vista da informação, se encontra, sobretudo, na essência do

seu conceito como operador de relações. Essa prática se apresenta ainda mais consolidada quando é inserida no campo da representação. É bem verdade que os cursos, como saber técnico e operacional, promovem o aprendizado instrumental que sedimenta a prática profissionalizante, no entanto, o que é visto e/ou vivenciado não é apreendido na sua totalidade, mas é reconstruído simbolicamente na estrutura mental do sujeito, agora alicerçado em preconceitos e (re)ligado a outras vivências, ou seja, é re-apresentado, como bem discute González de Gómez (2002) - aí se encontra a essência das ações de informação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação em ações de informação na CPD promove inicialmente o distanciamento da situação de risco social em que os beneficiados se encontram, através de práticas e ações educativas, profissionalizantes, culturais e de lazer, no entanto, mais que isso a ONG trabalha com a formação do sujeito discursivo, com base na formação da subjetividade e interações intersubjetivas.

A percepção e o entendimento do papel da informação na construção coletiva da cidadania imprimiu as seguintes noções base: a noção de informação, o significado das ações de informação e as representações construídas pelos egressos dessas ações no processo de construção cotidiana da cidadania.

No que concerne à informação, os sujeitos egressos da CPD a vêem como um elemento de transformação das realidades individual e coletiva. Essa possibilidade de transformação se encontra na potencialidade de emancipação que a informação promove, decorrente inicialmente do autoconhecimento e extensivamente do conhecimento do ambiente em que se encontram inseridos. A participação no ciclo de informação representou para os beneficiados das ações de informação da CPD mais do que o contato com um conjunto de estrutura de informações, já que elas significaram a ligação direta entre uma situação ou lacuna de informação e um conjunto de informações que se apresentou como um operador de relações, onde se baliza todo o processo de assimilação de informação definido por Barreto (2002). As informações trabalhadas na ONG se configuraram, em última análise, como operadoras de transformações, principalmente, porque elas sempre estiveram

vinculadas a uma ação que tinha por objetivo a resolução de algum problema ou situação de risco social do sujeito envolvido.

As ações de informação, no âmbito da CPD, se inserem num conjunto de ações práticas e instrumentais, tais como cursos, palestras, exposições, ente outros. E, nesse sentido, pode-se dizer que elas se apresentam como um conjunto articulador e formador de ações que vão além de informações ou práticas profissionalizantes, já que no contexto dessas ações as estruturas de informação ganham o *status* de informação, decorrente da construção e atribuição de sentido.

A CPD utiliza como subsídio, no desenvolvimento das ações de informação, vários veículos e fontes de informação, tais como murais, vídeos, folderes, jornais e biblioteca, além de possibilitar o acesso a outros instrumentos externos à ONG. Contudo, percebeu-se que não existe uma utilização sistemática desses no processo de transferência de informação. Assim, esta etapa do ciclo informacional é desenvolvida informalmente em vários momentos de ações de informação, como em palestras, cursos, reuniões, assembleias e aulas discursivas, destinados à formação do sujeito. Por outro lado, vale destacar que esta dinâmica promoveu uma maior interação entre os egressos no contexto da Casa.

Na visão dos egressos, as ações de informação desenvolvidas pela CPD se apresentaram como ações (in)formacionais, ou seja, além de informar, tem o potencial de formar (construir) posturas solidárias e emancipatórias. A informação, na visão dos egressos, se apresenta como elemento de (re)conhecimento, ou seja, promove o conhecimento e as contextualizações cognitiva e social, desenvolvendo a capacidade de construção de novos conhecimentos num movimento contínuo e dinâmico. Os egressos entendem ainda que as ações de informação desenvolvem a capacidade de ação no sujeito.

Infere-se finalmente que a relação informação-construção de cidadania só se efetiva num contexto dinâmico onde aquela se constitui num elemento de transformações de estruturas individuais e coletivas, com base em formas culturais de significações de experiências de mundo e seus desdobramentos em atos de enunciação, de interpretação, de transmissão e de inscrição.

INFORMATION AND CONSTRUCTION OF CITIZENSHIP: representation of the information actions of the Casa Pequeno Davi

ABSTRACT

Information characterizes for helping human development. Considering such aspect, in this paper we tried to analyze the representations produced by the egresses, from the information actions in the Casa Pequeno Davi (CPD). The subjects of the research were the coordinators and egresses of the CPD between the years of 1998 and 2003. The research was carried out in two phases: one exploratory and another focused. The data had been analyzed on the basis of the Analysis of Content (AC) and application of the technique of Analysis of Enunciation (AE). The participation in the information cycle meant for involved individuals the shortening of the existing gap of information and set of information, that was established as an operator of relations between the material and the symbolic worlds in the formation of the citizens.

Keywords

ACTION OF INFORMATION
CITIZENSHIP FORMATION
REPRESENTATION OF THE ACTIONS OF INFORMATION

Artigo recebido em 09.02.2006 e aceito para publicação em 19.06.2006

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais*: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2.ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. 203p.
- ANDRADE, Maria Antônia Alonso de. *Cultura política, identidade e representações sociais*. Recife: Massangana, 1999. 388p.
- BAPTISTA, Dulce Maria Tourinho (Org.). *Cidadania e subjetividade*: novos contornos e múltiplos sujeitos. São Paulo: Imaginário, 1997. 290p.
- BARDIN, Laurece. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, c1970.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. A eficiência técnica e econômica e a viabilidade de produtos de serviços de informação. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 25, n. 3, 1996. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline>>. Acesso em: 25 jul. 2003.
- _____. Transferência da informação para o conhecimento. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). *O campo da Ciência da Informação*: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: Editora Universitária, 2002. p. 49-59.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*: tratado de sociologia do conhecimento. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 247p.
- BRAGA, Gilda Maria. Informação, Ciência da Informação: breves reflexões em três tempos. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline>>. Acesso em: 25 jul. 2003.
- CASA PESQUENO DAVI. Organização Não-Governamental Pequeno Davi, João Pessoa, Paraíba. Disponível em <www.pequenodavi.org.br>. Acesso em: 15 jul. 2002.
- CÉSAR, Alexandre. *Acesso à justiça e cidadania*. Cuiabá: EdUFMT, 2002. 140p.
- CHAPARRO, Fernando. Conocimiento, aprendizaje y capital social como motor de desarrollo. *Ciência da Informação*, v. 30, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2001.
- DEMO, Pedro. *Cidadania menor*: algumas indicações quantitativas de nossa pobreza política. Petrópolis: Vozes, 1992.
- DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. Representação, memória e linguagem. In: _____. *Tesouro*: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto, 2002. Parte I, p. 17-60.
- FERREIRA, Sueli Maria Soares Pinto. *Redes eletrônicas e necessidades de informação*: abordagem do *sense-making* para estudo de comportamento de usuários do Instituto de Física

- da USP. São Paulo: USP, 1994 165f. Tese (Doutorado – Ciências da Comunicação – USP).
- FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Paradigmas modernos da Ciência da Informação: em usuários, coleções, referência e informação*. São Paulo: Polis, 1999. 168p.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001. 79p.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 206p.
- GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e educação*. São Paulo: Cortez, 1999. 117p.
- GONZÁLEZ DE GOMEZ, Maria Nélide. A informação: dos estoques às redes. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 24, n. 1, p. 77-83, jan./abr. 1995.
- _____. Da política de informação ao papel da informação na política contemporânea. *Revista Internacional de Estudos Político* – NUSEG, 1999.
- _____. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). *O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002. p. 25-47.
- _____. O objeto de estudo da Ciência da Informação: paradoxos e desafios. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 19, n. 2, p. 117-122, jul./dez. 1990.
- MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. *O que é cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 1999. 78p.
- MARCONDES, Carlos Henrique. Representação e economia da informação. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 30, n. 1, p. 61-70, jan./abr. 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise de conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999. 94p.
- MARTELETO, Regina Maria. Conhecimento e sociedade: pressupostos da antropologia da informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). *O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002. p. 101-115.
- MATTELART, Armand. *História da sociedade da informação*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 197p.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 269p.
- _____. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 80p.
- RICHARDSON, Roberto Jarry et al. *Pesquisa social: método e técnica*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 334p.
- TOURAINÉ, Alan. *Poderemos viver juntos?: Iguais e diferentes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 38p.